



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

# POR UMA ETNOSSOCIOLOGIA CLÍNICA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS (AUTO) BIOGRÁFICOS EM LINGUÍSTICA APLICADA

FRANCISCO ROGIELLYSON DA SILVA ANDRADE\*

 <https://orcid.org/0000-0002-2585-1878>

SANDRA MAIA-VASCONCELOS\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-7201-6173>

## RESUMO

Este texto busca apresentar uma possibilidade metodológica para os estudos linguísticos (auto)biográficos em Linguística Aplicada batizada como etnossociologia clínica. Para elaborar nossa proposta, embasamos teoricamente a perspectiva etnossociológica de Bertaux (2010), que se abaliza nos estudos de caso e na perspectiva indutiva de elaboração de hipóteses, tendo como material exclusivo de análise as narrativas (auto)biográficas. A essa abordagem, articulamos a Clínica do Discurso, elaborada por Maia-Vasconcelos (2005, 2022), que aponta a postura clínica para a coleta de narrativas (auto)biográficas e as premissas de ausculta e deontologia para a análise dos dados. Com essa construção teórica, defendemos a etnossociologia clínica como vertente metodológica sólida para realizar pesquisas sob o enfoque da Linguística Aplicada que se valham de um paradigma que entenda os sujeitos como fontes que, ao passo que revelam saberes, são modelados e intervêm na construção desses conhecimentos. A narrativa de vida é a fonte material para atingir-se esse objetivo.

**Palavras-chave:** Etnossociologia Clínica; Narrativas (auto)biográficas; Linguística Aplicada.

---

\* Mestre e Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Atua como docente do setor de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do curso de Letras da FECIL/UECE e como docente efetivo vinculado à Rede Estadual de Ensino do Ceará (SEDUC) na área de Língua Portuguesa. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase nos estudos em Linguística Aplicada ao ensino de línguas e à formação de professores de língua materna e estrangeira sob o viés do dialogismo bakhtiniano. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2209646644494459>. E-mail: [rogellyson.andrade@ufc.br](mailto:rogellyson.andrade@ufc.br).

\*\* Doutora em *Sciences de L'Education* pela Universidade de Nantes (2003), com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015). É professora titular do Departamento de Letras Vernáculas, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Cariri – Crato-Ce. Tem pesquisas na área de Análise do Discurso Narrativo, com foco em relatos de experiência, transculturalidade, atuando principalmente nos seguintes temas: pesquisa autobiográfica, discursos, representações discursivas, gênero e violência. É líder do GELDA - Grupo de Estudos Linguísticos em Discurso Autobiográfico, certificado e registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5092300534207989>. E-mail: [sandramaia@ufc.br](mailto:sandramaia@ufc.br).

## RESUME

**POUR UNE ETHNOSOCIOLOGIE CLINIQUE DANS LES ÉTUDES LINGUISTIQUES (AUTO-)BIOGRAPHIQUES EN LINGUISTIQUE APPLIQUÉE**

Ce texte cherche à présenter une possibilité méthodologique pour les études linguistiques (auto-)biographiques en Linguistique Appliquée nommée ethnoscience clinique. Pour élaborer notre proposition, nous nous appuyons théoriquement sur la perspective ethnoscience de Bertaux (2010), qui se fonde sur des études de cas et sur la perspective inductive d'élaboration d'hypothèses, ayant comme matériau d'analyse exclusif les récits (auto-)biographiques. A cette approche, nous articulons la Clinique du discours, proposée par Maia-Vasconcelos (2005, 2022), qui indique la posture clinique pour la collecte de récits (auto)biographiques et les prémisses de l'auscultation et de la déontologie pour l'analyse des données. Avec cette construction théorique, nous défendons l'ethnoscience clinique comme un aspect méthodologique solide pour mener des recherches qui utilisent un paradigme qui comprend les sujets comme des sources qui, tout en révélant des connaissances, sont modélisées et interviennent dans la construction de ces connaissances. Le récit de la vie, dans cette proposition, est la source matérielle permettant d'atteindre cet objectif.

**Mots-clés:** Ethnoscience clinique; Récits (auto)biographiques; Linguística Aplicada.

## INTRODUÇÃO

As fontes autobiográficas têm ganhado grande destaque e se tornaram um objeto de estudo muito relevante nos estudos científicos por ampliar, produzir e revelar conhecimentos sobre a história de vida, a formação e as relações dos indivíduos com os fenômenos sociais. A curiosidade crítica e analítica pelos outros, e entendem-se outros como os diferentes grupos sociais e suas culturas, é o que move essa perspectiva.

Em Linguística, os estudos que se baseiam nas fontes narrativas (auto)biográficas têm sido foco de interesse de pesquisadores importantes para os estudos do discurso. Há grupos de estudos que adotam essa vertente nas cinco regiões de nosso país, como: o Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico (GELDA), o

Grupo de Pesquisas em Estudos do Discurso e Narrativas Multimídias (DISCURSIVA), ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC); o Grupo de Estudos sobre Narrativas de Si a partir de Corpora e Suportes Diversos, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Além disso, ainda no que se refere às juntas científicas interessadas no discurso autobiográfico, há a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGRAPH), que reúne pesquisadores de diferentes disciplinas acadêmicas interessados no estudo das materialidades narrativas autobiográficas. A referida associação pro-

move eventos, como o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), e possui um periódico acadêmico, a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB).

Nesse sentido, é possível diagnosticar um universo de pesquisas que já apresentam sólidas balizas teóricas que permitem uma fundamentação acurada de seus projetos científicos. Por outro lado, inclusive lendo trabalhos de pesquisadores da área, como Andrade (2019), Lima (2019), Santos (2019), Maia (2016), Freitas (2015) e Viana (2012), é consensual, em seus escritos, que a metodologia se configura como o passo mais difícil, justamente pelo interesse ainda recente por essas materialidades discursivas, o que evidencia um obstáculo latente para solidificar orientações metodológicas no que se refere aos estudos discursivos interessados em narrativas de si.

Partindo dessa problematização, este texto tem o papel de explicar acerca das possibilidades de se construir solidamente uma metodologia que tenha como objeto de análise narrativas autobiográficas, segundo uma proposta por nós batizada como etnossociologia clínica. Defendemos que, em estudos linguísticos amparados nas diferentes vertentes da Linguística Aplicada, a etnossociologia clínica pode dirimir as dificuldades de formulação metodológica, além de ser uma proposta exclusivamente centrada nas materialidades linguístico-discursivas (auto)biográficas.

Para desenvolver essa discussão, organizamos o texto da seguinte maneira: afora as considerações iniciais e finais, a seguir, apresentamos a proposta etnossociológica de Bertaux (2010), a qual é vinculada à abordagem clínica dos estudos discursivos tal como propôs Maia-Vasconcelos (2005, 2022). Com base na articulação entre as

duas propostas, apresentamos orientações metodológicas que abalizam, em nossa proposta, uma etnossociologia clínica para os estudos em Linguística Aplicada.

## **A ETNOSSOCIOLOGIA NO CAMPO DOS ESTUDOS EM NARRATIVAS DE VIDA**

Bertaux (2010) apresenta o que, em seu construto, seria a pesquisa etnossociológica, campo que adota como objeto central as narrativas de vida. O interesse por esses materiais de análise ocorre porque há, agora, um retorno à “curiosidade pelo outro e pelo Outro, outras experiências vividas, outros meios e grupos sociais, até mesmo por outras sociedades” (Bertaux, 2010, p. 11), o que é oportunizado pelas narrativas de vidas, materiais que permitem “estudar a ação em curso” (Bertaux, 2010, p. 12), ou seja, as narrativas propiciam o estudo dos fatos sociais a partir da ótica interpretativa dos sujeitos atingidos por essas realidades.

A partir disso, Bertaux (2010) afirma que a perspectiva etnossociológica é

decididamente objetivista, no sentido em que seu objetivo não é o de apreender a partir do interior os esquemas de representação ou o sistema de valores de uma pessoa isolada, nem os de um grupo social, mas de estudar um fragmento particular da realidade social-histórica, um objeto social; de compreender como ele funciona e como se transforma, destacando as configurações de relações sociais, os mecanismos, os processos, as lógicas de ação que o caracterizam. (Bertaux, 2010, p. 16)

Nesse sentido, embora a subjetividade se imponha narrativamente, o que interessa para esse campo é como os sujeitos expõem suas crenças acerca dos objetos discursivos sobre que narram. Assim, o método baseado em narrativas de vida procura apresentar

interpretações acerca de uma determinada realidade social.

Enquanto os métodos tradicionais de pesquisa buscam comprovar interpretações pré-formuladas, ou seja, as hipóteses de pesquisa, a perspectiva etnossociológica tem consciência de seu desconhecimento acerca do fenômeno estudado, o que condiciona os sujeitos a interpretarem subjetivamente os fatos sociais sobre os quais narram.

Nessa medida, Bertaux (2010) ressalta que as narrativas de vida abordam fenômenos coletivos e, para investigá-los, se inserem no campo dos estudos de caso, ou seja, se concentram “sobre um teor delimitado de atividades sociais e mergulham com ‘intensidade’ na espessura de suas camadas sucessivas” (Bertaux, 2010, p. 3). Em corroboração a isso, apontamos a contribuição de Gil (2002, p. 54), para quem o estudo de caso é visto “como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos”. Gil (2002) ressalta ainda que esse delineamento oportuniza a observação de situações da vida real, preservando a unidade do objeto, descrevendo o contexto que o determina, com vistas à formulação de hipóteses, o que se coaduna com a abordagem indutiva de pesquisa. Assim, por meio de um estudo de caso, consegue-se “proporcionar uma visão global do problema ou [...] identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados” (Gil, 2002, p. 55). Dessa maneira, os fatos sociais, inseridos nesse escopo metodológico, são analisados dentro dos contextos em que acontecem e a partir dos sujeitos que os vivenciam.

Assim, as pesquisas que se inserem nessa perspectiva metodológica se inscrevem,

pois, no âmbito dos estudos de caso, a partir de uma postura indutiva de análise. Nada mais óbvio: os fatos sociais se configuram e se reconfiguram incessantemente. Por isso, não há como estudar realidades abrangentes, porque cada esfera social se constrói a partir de aspectos histórico-culturais autóctones.

De igual modo, não é possível que o pesquisador estabeleça teorias para serem confirmadas pelos dados da pesquisa, porque o que se busca é entender como as subjetividades apresentam uma invariante acerca dos fatos analisados. Como Bertaux (2010) metaforiza, a pesquisa etnossociológica busca iluminar uma parte da trajetória em estudo, sem apontar verdades absolutas acerca dela.

Diferentemente da abordagem hipotético-dedutiva, que desenvolve hipóteses a partir da teoria, a fim de verificá-las nos dados, a abordagem etnossociológica procura construir hipóteses plausíveis, uma vez que a única informação que o pesquisador detém ao ir a campo são (pre)conceitos, lugares-comuns construídos baseados na experiência. Portanto, as técnicas da pesquisa etnossociológica “não procuram tanto verificar hipóteses colocadas *a priori* quanto compreender o funcionamento interno do objeto de estudo e elaborar um modelo desse funcionamento do objeto de estudo sob a forma de um conjunto de hipóteses plausíveis” (Bertaux, 2010, p. 28-29).

Assim, a diferença entre a etnossociologia e os métodos tradicionais de abordagem qualitativa reside na função dos dados para aquela pesquisa: eles são a fonte do conhecimento, e não a comprovação dele. Sendo assim, afirma Bertaux (2010) que, na pesquisa de abordagem qualitativa tradicional, os dados têm a função de fornecer estatísticas e verificar/comprovar as hipóteses an-

teriormente construídas acerca de um dado fenômeno. Na pesquisa etnossociológica, ao contrário, os dados

permitem ver como “funciona” um mundo social ou uma situação social [...], [pois fornecem] uma descrição em profundidade do objeto social, que considera suas configurações internas de relações sociais, suas relações de poder, suas tensões, seus processos de reprodução permanente, suas dinâmicas de transformação (Bertaux, 2010, p. 31).

Com isso, percebe-se que estudar narrativas sob o escopo da etnossociologia significa focar o estudo na vida ou, de outro modo, na realidade social e no modo como esta se processa para quem a vive. Ao falar acerca da especificidade do método baseado em narrativas, Bertaux (2010) apresenta a seguinte metáfora, ao comparar o seu método de abordagem com outros, que, segundo ele, são centrados no indivíduo:

[...] podemos comparar uma narrativa de vida que descreve uma trajetória no espaço (social-histórico) a um desses foguetes de que são feitos os fogos de artifício. O olhar de uma abordagem centrada no indivíduo seguirá atentamente o trajeto de um único foguete (uma única narrativa de vida). A abordagem aqui desenvolvida utiliza, ao contrário, as narrativas de vida como foguetes brilhantes que iluminam por um breve instante o relevo, mais ou menos como fazem os soldados, avançando de noite para clarear um lugar acidentado do qual não têm a menor ideia. Cada foguete revela alguns detalhes do terreno, por pouco que se preste atenção, não no foguete, mas no que ele revela do contexto em sua trajetória. (Bertaux, 2010, p. 11-12)

Nessa conjuntura, as narrativas de vida são essenciais para a compreensão de fenômenos coletivos na pesquisa etnossociológica. Essas materialidades linguístico-discursivas são entendidas como fontes autobiográficas reveladoras da vida social. Adota-se

nesse escopo, a concepção de sujeito responsivo-ativo empreendida pelo Círculo de Bakhtin. Conforme essa orientação, o sujeito não é alguém vítima nem reproduzidor de discursos, mas alguém que responsivamente articula, de maneira estratégica, ideologias, expondo, nos enunciados, sua tonalidade valorativa acerca da realidade.

Assim, percebe-se que se valer dessas fontes não significa estudar a individualidade, mas entender como as construções sócio-histórico-culturais são percebidas pelas subjetividades dos sujeitos, a partir de sua historicidade, de seu cronotopo e de seu papel social. Por isso, ao definir o que seria a pesquisa etnossociológica, Bertaux (2010) ressalta que recorrer às narrativas não exclui a necessidade de se acessar outros materiais que possam ajudar a entender os fenômenos de estudo, o que se fia no dialogismo bakhtiniano, pois tem a ver com a réplica empreendida pelo sujeito acerca de outros enunciados. Epistemologicamente, a perspectiva etnossociológica é

um tipo de pesquisa empírica apoiada na pesquisa de campo e nos estudos de caso, que se inspira na tradição *etnográfica* nas suas técnicas de observação, mas que constrói seus objetos pela referência a problemáticas *sociológicas*. O sociólogo não pode, com efeito, assim como o etnólogo, se contentar em descrever um campo particular (uma comunidade humana de dimensões limitadas) e em analisar sua subcultura. [...] é necessário tentar passar do particular para o geral, descobrindo no próprio terreno observado formas sociais [...] suscetíveis de estar igualmente presentes em numerosos contextos similares [...]. (Bertaux, 2010, p. 23, grifos do autor).

Em ressalva, o autor explica que o termo etnossociologia esquece, ainda, a dimensão histórica, importante para a explicação dos fenômenos. Tal problema, no entanto, se-

gundo o autor, está sendo superado e, cada vez mais, as pesquisas da área começam a realizar o que vem a ser a perspectiva etno-histórico-sociológica. Isso significa dizer que, caso seja possível, além de se valer das narrações dos sujeitos, o pesquisador deve, ainda, analisar evidências históricas do que as narrativas possivelmente suscitam, justamente porque essas narrações são fruto de um contexto histórico mediato e imediato, de modo que não há como desvinculá-las disso. A isso, articula-se o conceito de cronotopo, como pensado por Bakhtin (1998). Segundo o autor, o termo se refere ao enquadre espaciotemporal que delinea os enunciados, permitindo perceber os valores sócio-histórico-ideológico-culturais que se digladiam, favorecendo a apreensão de visões de mundo e de homem que caracterizam uma coletividade.

Os sujeitos sociais, como o próprio nome sugere, não vivem sozinhos nem isolados. Todos nós fazemos parte de grupos e vamos, ao longo de nosso percurso, nos engajando em diversas comunidades que constituem parte do domínio de nossa existência, como a escola, a comunidade, o trabalho e a igreja. Tais domínios se articulam com as experiências de vida dos indivíduos e se (re)velam nas e pelas narrativas de vida. Esses sujeitos, ao passo que são produto dessa realidade, também a produzem e, narrativamente, singularizam sua experiência. Há quem diga que as narrativas podem não ser materiais confiáveis de análise, já que os sujeitos possivelmente não fornecem a verdade sobre os fenômenos narrados. Tal preconceito se desfaz quando lembramos, como estudiosos da linguagem, que a verdade é, meramente, uma questão de construção, de efeito da própria linguagem. Desse modo, a pesquisa etnossociológica não se articula a partir da verdade dos fatos. Já que

as narrativas são linguagem, interessa, para o pesquisador ancorado nessa vertente, a maneira como as experiências são narradas e, ao mesmo tempo, refletidas pelos sujeitos. Desse modo, o que a narrativa apresenta não é verdade ou mentira – na narrativa de vida, inclusive, não há verdade ou mentira: há o plausível e a escolha do dito –, mas uma versão responsiva do sujeito acerca da realidade.

[...] falar de si mesmo e contar acontecimentos de sua vida não põe o sujeito na mesma circunstância do acontecimento. Há um hiato em que o sujeito é levado a refletir no momento em que conta sua história, muitas vezes reinventando sua realidade a partir de eventos que lhe chegam pelo fio da memória. O tempo é tomado como dimensão avaliadora da mudança do sujeito. Mesmo levando em conta que a memória renova o evento, a experiência se materializa distintamente. (Maia-Vasconcelos, 2011, p. 317)

Isso significa dizer que, para o pesquisador etnossociológico, o foco de interesse se volta para a interpretação subjetiva que os sujeitos constroem, narrativamente, acerca dos fatos sociais, e não, como seria falacioso pensar, a realidade dos fatos, inclusive porque a própria realidade é inacessível fora da linguagem.

Nessa perspectiva, os dados empíricos têm a função de partir do particular para o geral, ou seja, vão ao encontro do raciocínio construído por Bertaux (2010) de que, na pesquisa etnossociológica, o que ocorre é a construção de um corpo de hipóteses plausíveis, construído sob o enfoque indutivo de observação dos fenômenos.

Destarte, é necessário que o pesquisador se desnude do que concebem as vertentes tradicionais de pesquisa e não estipule hipóteses a serem comprovadas a partir de variáveis de controle. É óbvio que o pes-

quisador deve ter objetivos de pesquisa, do contrário ele não teria um olhar científico sobre os dados. Apesar disso, é necessário ter cautela ao se construir hipóteses aprioristicamente, uma vez que, porque subjetivas, as reflexões dos sujeitos possivelmente não irão ao encontro das hipóteses estipuladas, também reflexões subjetivas do pesquisador.

Nesse sentido, para o pesquisador acostumado com os métodos positivistas de pesquisa, uma dúvida deve restar: como, então, escrever o projeto de pesquisa, sem construir hipóteses? Os estudos a que nos referimos inicialmente – Andrade (2019), Lima (2019), Santos (2019), Maia (2016), Freitas (2015) e Viana (2012) –, para solucionar esse problema sem entrar em conflitos com a tradição da escrita desse gênero acadêmico nem com os pressupostos metodológicos da etnossociologia, têm realizado, ainda na fase do projeto, análises-piloto. Esse piloto analítico auxilia o pesquisador na construção de hipóteses prévias.

Dessa maneira, sintetizamos, pelo que foi visto, que a etnossociologia é um campo de pesquisa que se insere no âmbito dos estudos de caso, considerando, inclusive, a dimensão indutiva de análise dos dados. A partir dessa configuração, a vertente etnossociológica objetiva construir hipóteses plausíveis, as quais se erigem a partir da coleta e da análise de narrativas de vida. Ficamos, ainda, uma dúvida: o que se entende por narrativas de vida? Tal indagação procura ser respondida no tópico a seguir.

## **O QUE SÃO NARRATIVAS DE VIDA E QUAIS FENÔMENOS ELAS PERMITEM VISUALIZAR**

Como viemos salientando, segundo a proposta de Bertaux (2010), são as narrativas

de vida os materiais que melhor permitem a construção de um pensamento sociológico baseado na ação em situação. Nessa perspectiva, “a narrativa de vida, como testemunho da experiência vivida, traz, entre outras, a dimensão temporal, *diacrônica*, que é também a da articulação concreta, na ação, de “fatores” e de mecanismos muito diversos” (Bertaux, 2010, p. 31, grifos do autor). Ressaltando essa dimensão diacrônica, articulada à sucessão temporal dos acontecimentos, pode ficar, ainda, uma dúvida importante para o pesquisador que deseja se valer desta metodologia de pesquisa: a diferença entre narrativa de vida e história de vida.

Segundo Bertaux (2010), o termo narrativa de vida se refere à narração, portanto a uma elaboração de linguagem, que um sujeito constrói acerca de toda ou parte de uma experiência vivida, enquanto a história de vida se centra em toda a vida do sujeito. Ou seja, no tratamento do autor, a história de vida se assemelharia a uma espécie de autobiografia completa do sujeito, enquanto a narrativa de vida, por sua vez, se interessa em dar relevo à história do sujeito em uma realidade social específica.

Acerca disso, é importante ressaltar que Bertaux é francófono. O termo narrativa de vida, do português, é tradução de *récit de vie*, do francês, expressão utilizada originalmente pelo teórico. Viana (2012) e Maia (2016), por exemplo, preferiram manter o termo na língua original, porque, diferentemente do português, o termo *récit de vie* salvaguarda o fato de serem essas construções narrativas protótipos com uma qualidade específica: além de narrar fatos, o sujeito também reflete acerca deles, apresentando suas considerações avaliativas acerca do que narra.

Isso significa dizer, como analisa Viana (2012), que os *récits de vie* são gêneros que não obrigatoriamente apresentam aquilo que se espera tradicionalmente de uma narrativa (situação inicial, conflito, clímax e desfecho) ou, pelo menos, não se limitam a isso. Ao contrário, conforme consegue comprovar a autora, esse gênero se configura, entre outras características, por não apresentar um desfecho, uma vez que os sujeitos, como é de se esperar, ainda vivenciam as experiências que narram, ou seja, ainda são frutos delas, portanto, para eles, ainda não há um desfecho específico para as histórias que narram. Além do mais, ainda segundo Viana (2012), os trechos essencialmente narrativos são intercalados por trechos que, tradicionalmente, seriam chamados de explicativos e/ou argumentativos, os quais evidenciam as avaliações dos sujeitos acerca do que narram.

Portanto, quando utilizamos o termo narrativas de vida/*récit de vie*, referimo-nos a uma materialidade enunciativa que se caracteriza pela articulação entre a narração autobiográfica e a reflexão acerca dos fatos narrados. Consideramos, a partir disso, que cada reflexão é única, se entendemos que as interações são eventos únicos e irrepetíveis (Bakhtin, 1993, 1997, [Volochínov] 2006, 2011), porque, como os sujeitos são eles próprios históricos, cada momento reflexivo aponta especificidades de sua subjetividade que se atrelam aos resultados dos processos sócio-culturais que cronotopicamente enquadram as experiências.

Isso significa dizer que as narrações sobre um determinado fato podem ser alteradas, já que, como diz Bakhtin (1993), o Ser só é na interação. Desse modo, é necessário considerar, na análise, a idade, a profissão, a classe social, as preferências, entre outras questões da vida do sujeito que podem so-

bre maneira influenciar em sua narração e singularizar seu discurso, como um ponto de vista subjetivo cronotopicamente elaborado.

Com isso, a narrativa de vida se configura como um gênero específico que se realiza pela narração e pela reflexão acerca do contato de um sujeito social com uma determinada realidade que, para ele, se delinea. Tendo discutido o que se entende por narrativa de vida em etnossociologia, partimos, agora, para a reflexão acerca de que princípios devem nortear a coleta dessas materialidades linguístico-discursivas.

Bertaux (2010) afirma que, a fim de construir hipóteses indutivamente, o pesquisador precisa se valer de uma série de princípios para coletar a amostragem, os quais, segundo a proposta do autor, são a variedade das posições, a diferencialidade e a exigência de variação.

O primeiro princípio diz respeito ao fato de ser necessário que o pesquisador encontre diferentes opiniões acerca de uma mesma realidade, tendo em vista que o que ele pesquisa não é a realidade objetiva, mas sim como os sujeitos percebem essa realidade. Dessa maneira, o pesquisador deve ter a perspicácia de buscar posicionamentos que recubram a complexidade dos objetos de análise, a fim de apontar interpretações que possam ser plausíveis. Uma mesma opinião sobre uma realidade se configura como uma trivialidade, não como uma interpretação plausível.

O segundo princípio, a diferencialidade, se refere ao fato de que diferentes pessoas, que assumem o mesmo *status* numa dada realidade, podem percebê-la e interpretá-la de diferentes maneiras, uma vez que seus percursos de vida são diferentes. Tal característica, que se intersecta com a primeira, adverte que o pesquisador tenha o cuidado de, mesmo buscando diferentes



opiniões, procurar pessoas que ocupam uma mesma função dentro da realidade que se busca analisar.

Por fim, o terceiro princípio, a exigência de variação, concentra-se na questão de que o pesquisador precisa coletar “a maior variedade de testemunhos possíveis” (BERTAUX, 2010, p. 37). Ao encontro dos princípios anteriores, este último ressalta o fato de que é tarefa do pesquisador buscar a maior quantidade de narrativas possíveis, a fim de poder melhor construir a plausibilidade de suas hipóteses finais.

Com a discussão erigida neste tópico, pudemos analisar o que é etnossociologia, quais seus princípios e quais seus materiais de análise. Uma discussão ainda resta: depois de escolher essa vertente metodológica, como deve ser a coleta e a análise dessas narrativas? Tal discussão é realizada a seguir.

## A COLETA DE DADOS SOB A PERSPECTIVA CLÍNICA

Antes de discutir como se procedem a coleta e a análise dos dados amparadas numa perspectiva clínica, é necessário explanar o que se entende pela palavra clínica. Se pesquisarmos nos mais diferentes dicionários *online* e impressos de língua portuguesa, percebemos que esse item lexical se refere à observação direta do paciente, a qual requer um profissional atento aos sinais apresentados pela pessoa que atende.

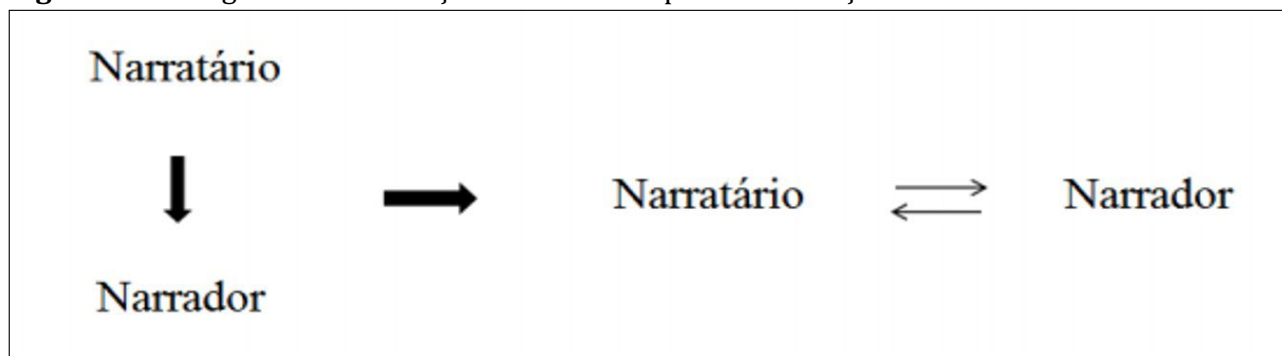
De igual maneira, como reflete Maia-Vasconcelos (2005, 2022), a palavra clínica, em sua teorização, refere-se ao fato de o pesquisador dever inclinar-se ante ao participante de sua pesquisa, permitindo que este tenha voz para se discursivizar, considerando sua

fala e as diferentes semioses utilizadas para construir o enredo das narrativas. É preciso, pois, que o pesquisador, amparado pela clínica, esteja devidamente preparado para permitir que os sujeitos sejam protagonistas de suas narrações, ao contrário de querer extrair deles comprovações hipotetizadas aprioristicamente.

Essa abordagem utiliza a entrevista em sua vertente clínica, oportunizando uma maior aproximação entre pesquisador e sujeito, além de dar a este uma maior possibilidade de reflexão sobre o que diz, tendo em vista que esse método se configura como

uma forma de escuta que valoriza o que o sujeito tem a dizer, o que ele conhece sobre o que sente, o que espera de si mesmo e de suas habilidades. Procuramos dar-lhe voz a fim de que reconheça em suas fragilidades os pontos de apoio de que necessita para o autoconhecimento e a ego-dependência. (Maia-Vasconcelos, 2005, p. 12)

Assim, a abordagem clínica se evidencia como método em que o pesquisador se volta atentamente para o que o sujeito tem a dizer, ao invés de procurar nele evidências daquilo que deseja encontrar. Nada mais lógico se, como vimos, considerarmos que estamos imersos no universo indutivo de análise dos dados. Nas vertentes tradicionais da entrevista, ao ser avisado dos objetivos da pesquisa, o sujeito tende a dizer aquilo que o pesquisador hipotetiza, ao invés de narrar suas experiências. Ao contrário disso, a perspectiva clínica permite que haja uma troca, uma interação, uma conversa, o que retira da interação entre pesquisador e participante uma relação verticalizada, dando vez a uma horizontalidade, como vemos a seguir.

**Figura 1** - Passagem de uma relação verticalizada para uma relação horizontalizada.

**Fonte:** Maia-Vasconcelos (2005, p. 32)

Tal contato, como se vê na figura, estabelece uma relação recíproca entre o sujeito, narrador, e o pesquisador, narratário. Enquanto este se volta atentamente para o que o sujeito tem a dizer, na tentativa de perceber os sentidos subjetivos construídos pela narração, aquele narra sua trajetória de modo a enfatizar seus conhecimentos, sem a possível intenção de querer confirmar julgamentos anteriores. Quer-se dizer com isso que a abordagem clínica, por seu forte apelo indutivo, constrói saberes a partir da interação que se dá nela e por ela, pois considera a interação como um evento único e irrepetível, já que tudo o que se delineia nela jamais o será em outras interações (Bakhtin, 1993, 1997, [Volochínov] 2006, 2011):

[...] a clínica é a interação entre o sujeito e a situação refletida diante de um outro sujeito, o pesquisador, e que implica uma dinâmica ao mesmo tempo psicológica e social. Essa interação constrói um saber, muitas vezes desconhecido pelo sujeito, provavelmente também novo para o pesquisador, fazendo nascer uma relação de diálogo intenso e profundo. A clínica se faz então quando os sujeitos de interação remontam à fonte mesma da capacidade humana de saber, de pensar, de refletir, formando uma relação profunda e dinâmica com esse saber. Não um saber cristalizado, petrificado nos grandes livros, mas o saber comum que desenvolve o pensamento coletivo da sociedade. (Maia-Vasconcelos, 2005, p. 17).

Dessa maneira, infere-se que a abordagem clínica potencialmente permite que o sujeito se aprofunde no âmago de sua subjetividade para narrar os fatos que lhe vêm à mente e, concomitantemente, reflita acerca deles. É necessário, portanto, que o sujeito se perceba como alguém dotado de experiência a qual interessa ao pesquisador. Do contrário, volta-se a uma postura vertical de interação.

Nesse contexto, a perspectiva clínica, ao encontro do que propõe Bertaux (2010), é um método de coleta que possibilita a construção de saberes a partir do que os sujeitos têm a dizer, pois a técnica “se prende à escuta de uma singularidade como reveladora, não dela mesma, mas, pelo discurso recolhido, de um vivido social. Ela visa a coletar o conhecimento específico do qual um narrador é o portador suscitando sua expressão” (Maia-Vasconcelos, 2005, p. 37).

Uma premissa fundamental colocada por Maia-Vasconcelos (2005, 2022) para a concretização de uma entrevista clínica é a confiança que o participante da pesquisa deve construir no pesquisador. Nessa conjuntura, este não pode entender que somente o fato de ele estar produzindo uma pesquisa científica fará o sujeito narrar sobre um vivido. Pelo contrário, o participante deve se entender como alguém capaz de contribuir com o entendimento de uma realidade social e,

por isso, figura central para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que, para abrir os horizontes e as reflexões acerca de suas vidas, os sujeitos precisam se sentir à vontade e estabelecer uma relação de confiança com o entrevistador.

Sabemos, como salienta Maia-Vasconcelos (2005, 2022), que a presença de um gravador, por exemplo, torna a situação da entrevista embaraçosa. É necessário que o pesquisador tenha a perspicácia de tornar a interação narrativa o mais amistosa possível, a fim de que o entrevistado se sinta numa situação confiável e aberta ao que ele tem a dizer. Maia-Vasconcelos (2011, p. 320-321), acerca dessa necessidade, afirma que

[...] o sujeito porta sobre si mesmo reflexões, desdobramentos de sua história e a atribuição do papel de elementos de sua vida. O aspecto importante é a construção de um saber a partir das relações feitas entre o fato e o contar. [...] Contar a própria história é um exercício de autoconsciência, de distanciamento, que faz que o narrador, numa espécie de fragmentação interna, seja expectador de si-mesmo: um eu que deseja contar sua história pessoal, que cria e ao mesmo tempo observa, dialoga e intervém no processo de criação. [...] se o falante não se engaja no projeto de falar/escrever sobre si, se ele não deseja fazê-lo, o relato jamais se tornará uma narrativa da qual poderemos tirar proveito na análise de discurso. Dessa maneira, o pesquisador engajado em um trabalho com classe narrativa e escrita de si deve provocar no seu interlocutor o desejo de organizar os fatos a serem narrados em forma de discurso narrativo autobiográfico, consciente de seu papel de relator de sua história.

Portanto, essa interação horizontal é o que constrói a atmosfera necessária para que o narrador veja o narratário como um espelho de si, a quem precisa presentificar linguisticamente os fatos de sua vida. É, inclusive, nessa perspectiva que a clínica e a

etnossociologia se filiam: o pesquisador, dentro de uma postura com contornos etnográficos, deve se entender como sujeito da realidade social, procurando, sempre que possível, relacionar-se com o entrevistado, com vistas a estabelecer essa relação horizontal, porque ambos estão inseridos no vivido social tema da narração.

Acerca da preparação da entrevista, além de construir essa horizontalidade com o participante, é necessário que o pesquisador se valha de motes narrativos, que podem ser questionamentos ou não, para que o sujeito se narre. Os motes não necessariamente precisam dispor de palavras-chave do que objetiva o pesquisador, já que, para se sentir numa situação clínica, ou seja, para perceber que é alguém dotado de experiência, o sujeito necessita se engajar numa conversa.

Exemplo disso se vê na pesquisa de Andrade (2019), cujo objetivo era analisar autoconceitos de leitura erigidos a partir de narrativas de vida de professores alfabetizadores. O pesquisador iniciava a conversa pedindo para que os entrevistados falassem sobre suas primeiras experiências escolares, seus traumas, suas alegrias. Os próprios narradores entravam na questão da leitura, momento em que o pesquisador tinha a perspicácia de fazer o enredo se centrar nesse temário.

De qualquer modo, os motes narrativos formulados pelo pesquisador devem ser encarados apenas como um norte para a entrevista, e não como um questionário que deve ser totalmente respondido hierarquicamente. Como aponta Maia-Vasconcelos (2005, 2022), uma vez que, numa entrevista clínica, a interação se dá somente em sua ocorrência, novos pontos podem aparecer ou, mesmo, pode nem ser necessário mencionar todos eles, inclusive porque, na vertente clínica da entrevista, quem guia a

interação é o próprio sujeito, cabendo ao pesquisador realizar uma escuta atenta aos sentidos que o entrevistado constrói em sua fala, além de precisamente ter que evidenciar interesse pela fala dos sujeitos, por meio de marcadores discursivos, gestos corporais e expressões faciais. Ou seja, a postura do entrevistador clínico também deve ser diferenciada. Este não pode ser alguém que expresse neutralidade sobre o que o sujeito diz, mas, ao contrário, deve transparecer, através de palavras e gestos, o interesse no que o narrador discursiviza.

Em função disso, mesmo que não pareça interessante para o objetivo da pesquisa, o pesquisador deve ter a sensibilidade de permitir que os sujeitos desviem o assunto em alguns momentos, já que a confiança estabelecida na entrevista pode promover esses desvios – até porque essa linha que parece separar o tema que interessa ao pesquisador e o desvio realizado pelo sujeito pode se fiar ao enredo principal, sendo, portanto, um possível resultado de pesquisa.

Outro importante cuidado que o pesquisador deve ter é acerca de pontos traumáticos que o sujeito pode narrar, chegando a êxtases emotivos. Caso isso aconteça, é necessário dar permissão para que o narrador expresse suas emoções ou deseje silenciá-las. Muitas vezes, o silêncio resultante de uma emoção pode ser um resultado de pesquisa, porque, embora linguisticamente imaterializado, ele desvela uma questão discursiva importante. Paralelamente a isso, o pesquisador pode, ainda, realizar novos momentos de entrevista com o sujeito, caso alguns pontos importantes para os objetivos da pesquisa fiquem obscuros nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Até aqui, falamos bastante sobre a entrevista narrativa em formato oral. No construto etnossociológico de Bertaux (2010),

ocorre o privilégio por esse gênero. Apesar disso, os estudos autobiográficos que se valem dessa perspectiva entendem que não somente a entrevista narrativa oral se configura como material único passível de análise para o pesquisador clínico. Outros gêneros autobiográficos, orais ou escritos, como relatos, memoriais, (auto)biografias, publicações em redes sociais, depoimentos, memórias literárias, boletins de ocorrência, também podem ser utilizados como materiais de pesquisa. No que se refere a eles, caso já não estejam prontos, o pesquisador pode ir auxiliando os sujeitos à construção dos gêneros, considerando os objetivos de pesquisa e os princípios da perspectiva clínica. Exemplo disso é a pesquisa de Lima (2019), que orientou as participantes de sua pesquisa a escrever memoriais de formação leitora. Para isso, a pesquisadora orientava, ao longo das oficinas de produção, a escrita de partes dos memoriais, a partir de tópicos.

Ainda no que se refere à análise de gêneros narrativos escritos, Maia (2016) se interessou por narrativas escritas a partir de motes fornecidos por formulários virtuais. Também, Viana (2012), para analisar a construção do gênero narrativa de vida, pediu para que seus alunos da Educação de Jovens e Adultos escrevessem o que os fazia, depois de algum tempo, voltar à escola.

Além disso, o avanço das novas tecnologias permite a coleta de narrativas de vida através de outros recursos. A exemplo disso, Freitas (2015), para analisar como se organiza a narrativa de si em publicações do (antigo) *Twitter*, coletou publicações dessa rede social. Nessa mesma esteira, Santos (2019), com o intuito de analisar os percursos discursivos sobre a experiência de desapropriação de ex-moradores da área onde hoje se constrói o Rodoanel Mario Covas, utilizou o *WhatsApp* como recurso para

coletar narrativas de vida de pessoas desapropriadas. A pesquisadora justifica o uso do recurso por uma questão de viabilidade da pesquisa, já que os sujeitos entrevistados residiam em São Paulo (SP), e a pesquisadora, em Juazeiro do Norte (CE). Tal distanciamento geográfico não prejudicou a relação de confiança mútua que deve existir entre pesquisador e participante, já que, na pesquisa de Santos (2019), os sujeitos eram pessoas com as quais a autora conviveu durante a infância e com quem ainda mantinha uma relação de amizade. Além disso, antes de convidar os participantes, a autora procurou se reaproximar deles, através de conversas espontâneas possibilitadas pelos chats de mensagem instantânea de redes sociais, recuperando os laços afetivos outrora construídos. Esses exemplos elucidam que não somente a narrativa de vida oral é o material único que interessa à etnossociologia clínica, mas todos aqueles gêneros discursivos por meios dos quais os sujeitos narram a si mesmos acerca de experiências sobre um vivido, ou seja, as fontes (auto)biográficas.

Se consideramos que a linguagem é o lugar de interação nas práticas sociais, entende-se que os discursos evocados e as maneiras de simbolicamente evidenciá-los são corporificados na e pela linguagem, objeto de análise do linguista, que, valendo-se da etnossociologia clínica, objetiva analisar como os sujeitos simbolizam via narrativa seus contatos com os discursos sociais em determinadas esferas de interação.

A partir dessas considerações, vimos quais premissas devem ser levadas em conta pelo pesquisador quando deseja se valer de uma postura clínica de coleta do *corpus*. Ao considerar isso, é importante manter uma relação horizontal com os participantes da pesquisa, de modo a evidenciar o interesse

por sua narração, respeitando também seus limites. Pudemos perceber que não somente os gêneros orais interessam a essa perspectiva, mas também todos aqueles em que a narração de si se revela como característica do gênero. Feito isso, no tópico a seguir, explanamos acerca de como devem ser analisados os materiais coletados a partir de uma postura clínica.

## ANÁLISE CLÍNICA DOS DADOS

Após realizada a coleta das narrativas, é necessário proceder à transcrição delas ou reuni-las. Nesse momento, como avalia Bertaux (2010), já se dá uma análise prévia, pois é nele em que o pesquisador tem a oportunidade de analisar o conjunto do *corpus* que coletou e perceber previamente como procederá a análise e se necessitará de novos encontros para entender alguns fatos narrados que ficaram obscuros na verbalização narrativa dos participantes. Maia-Vasconcelos (2005, 2022) aponta, ainda, que a reunião do *corpus* deve ser feita no momento exatamente posterior à realização da coleta, uma vez que gestos, expressões faciais, silêncios, risos, choros etc., ou seja, semioses não-verbais, que apontam significados importantes às narrativas dos sujeitos, podem se esvaír da memória do pesquisador, se este demorar para realizar a reunião da coleta.

A partir disso, nesse momento, a fim de manter a identidade dos sujeitos protegida, é necessário realizar intervenções de modo a não revelar a face dos participantes, sem, contudo, intervir em suas narrações. Exemplo disso, na pesquisa de Andrade (2019), foi quando, ao citar o nome da primeira escola onde estudou, ao invés de transcrever isso, o pesquisador interveio com [*primeira escola onde estudou o sujeito*] para deixar claro ao leitor o que foi dito pelo entrevistado, sem, contudo, expor sua face.

Feita a reunião dos dados e realizados os devidos cuidados para proteção da identidade dos sujeitos, para realizar a análise dos dados, mais uma vez, os pressupostos de Bertaux (2010) e de Maia-Vasconcelos (2005, 2022) dão luz à nossa abordagem. Como viemos salientando até aqui, ambos os autores concebem uma coleta que permita o sujeito se sentir dono do seu dizer e possa refletir acerca do que aconteceu e do que diz.

Se é necessário todo um cuidado do pesquisador no momento da interação com o sujeito, seja para que este não se sinta invadido ou julgado, seja para que este possa se sentir à vontade para abrir a teia de sua vida, também o momento de análise se configura como ponto primordial, pois o pesquisador deve inclinar-se ao que o sujeito disse, sem preconceitos, pré-julgamentos ou, mesmo, buscando os não-ditos.

Inclinar-se, no momento de análise, significa, pois, abrir-se para o leque de sentidos e de saberes construídos pelo sujeito em sua narração. A isso, Maia-Vasconcelos (2005, 2022) denomina *ausculta e deontologia*, os dois princípios norteadores de uma análise clínica. O primeiro se refere à busca dos sentidos mais profundos construídos pelos sujeitos em suas narrativas, sem, com isso, invadir suas intimidades nem extrapolar os limites de seus dizeres, o que se refere à deontologia. Essas devem ser as premissas que guiam a análise clínica dos dados.

Amparado nessas premissas, o pesquisador clínico deve levar em consideração os itens lexicais e os recursos linguísticos de que se valem os sujeitos para construir sua narrativa. Isso significa dizer que não somente os signos<sup>1</sup> presentificam os efeitos

de sentidos reveladores da teia discursiva evocada narrativamente. Aspectos multimodais, como tom de voz, alongamento de vogais, expressões faciais, gesticulações etc. também são importantes. Considerando que “a pessoa que escutamos diz o que quer, escolhe suas palavras” (Maia-Vasconcelos, 2011, p. 320), é nesses indícios interpretativos que o analista deve se apoiar.

Desse modo, a análise clínica dos dados, apesar de se ancorar nas marcas linguísticas utilizadas pelos sujeitos, se vale de uma postura hermenêutica. Ou seja, a partir do arcabouço teórico mobilizado, o analista deve interpretar os sentidos que se constroem discursivamente pelas narrativas dos sujeitos, apontando as possibilidades de interpretação do que deseja analisar, sem, contudo, superinterpretar o texto construído pelos colaboradores da pesquisa. “Na construção epistemológica do gênero história de vida como discurso autobiográfico, é necessária uma abertura de espírito para a compreensão de que não é obrigatório e nem indispensável que se estudem os aspectos formais da língua [...]” (Maia-Vasconcelos, 2011, p. 320).

Realizada a análise dessa forma, será possível ao pesquisador formular hipóteses plausíveis acerca dos objetivos traçados. Apoiados em Bertaux (2010), o adjetivo *plausível* é usado no sentido de que não interessa formular verdades ou premissas acerca do objeto que estudamos, inclusive porque, em torno da complexidade que envolve a realidade enunciativa, a verdade é sempre uma versão. Interessa-nos sim entender como se dão as relações que entram em jogo dentro do contexto em que analisamos, portanto o desvelamento de ideologias, o que tem a ver com os princípios da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006).

1 Utilizamos o termo conforme Bakhtin (1997, [Volochínov] 2006, 2011), entendendo-o como a ancoragem ideológica-discursiva que os sujeitos realizam a partir de suas escolhas linguísticas.

Isso significa dizer que outro pesquisador, em outro contexto, seja situacional, temporal etc., poderá formular diferentes hipóteses, também plausíveis, para o objeto de nosso interesse. Inclusive, no último tópico dedicado ao entendimento da pesquisa etnossociológica, Bertaux (2010) discute acerca da generalização dos resultados. O autor confirma que, caras ao pesquisador, as generalizações são aspectos importantes no âmbito científico, embora elas nunca interpretem em exaustão toda a realidade discursiva. As generalizações, realizadas a partir dos critérios apontados para a construção da amostragem, apontam aspectos pelos quais se podem entender os mecanismos que regem uma dada realidade, mas não completamente.

Maia-Vasconcelos (2005, 2022) considera ainda que, na vertente clínica, apontam-se possibilidades de interpretação dos discursos, jamais verdades absolutas. Nesse contexto, reflete a autora, que a clínica se refere a uma aproximação, e não a uma exatidão. Ao etnossociólogo clínico, interessa interpretar aquilo que o sujeito, emaranhado pela escolha de suas palavras, sequer imaginava que tinha o que dizer ou que queria dizer, mas presentifica via linguagem, pois sua consciência, construída pela narrativa verbal, é elaborada ideologicamente sob um enfoque cronotópico.

Com isso, percebemos que a análise clínica das narrativas pressupõe que o pesquisador levante as interpretações às quais a construção narrativa realizada pelos sujeitos leva. Dessa maneira, é necessário que o pesquisador reúna os materiais coletados, proteja a identidade dos narradores e, após isso, procure construir hipóteses científicas que iluminem o entendimento acerca de uma realidade social específica, considerando os princípios de ausculta e de deontolo-

gia como norteamentos para essa análise. Diante disso, prosseguimos, no tópico posterior, para nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa discussão, analisamos o que aqui consideramos ser a etnossociologia clínica. Vimos que essa perspectiva metodológica se insere no âmbito dos estudos de caso, considerando uma análise indutiva dos dados. Para tanto, os materiais privilegiados são fontes autobiográficas narrativas, sejam orais, sejam escritas.

Além disso, vimos que o adjetivo clínica se refere à coleta e à análise das narrativas. Nesse viés, a coleta deve se pautar numa interação horizontal que permita ao participante se entender como alguém cuja narração interessa ao pesquisador, que deve, por seu turno, guiar a narrativa do sujeito considerando a postura de narratário, ou seja, como alguém que está embutido na narração do participante, pois com ele interage numa conversa por meio da qual o sujeito expõe sua subjetividade. Já no que se refere à análise das narrativas, a clínica considera que o pesquisador deve se pautar numa postura que respeite a forma como os sujeitos se verbalizam narrativamente, mas que perceba as possibilidades interpretativas que tais verbalizações erigem.

Nessa direção, este texto procurou iluminar pesquisadores que se interessam em ter como *corpus* de coleta as fontes autobiográficas, principalmente aqueles inseridos no universo epistemológico da Linguística Aplicada. Como vimos, por ser um campo historicamente recente no domínio científico, ainda muitos desafios se impõem para os pesquisadores interessados nessas materialidades. Considerando isso, nosso objetivo se pautou na tentativa de evidenciar que pressupostos metodológicos abalizam as

pesquisas em Linguística Aplicada interessadas naquele *corpus* de análise.

Na esteira disso, entendemos a etnossociologia clínica como vertente metodológica sólida para realizar pesquisas que se valham de um paradigma científico que entenda os sujeitos não como comprovações teóricas, mas como fontes que, ao passo que revelam saberes, são modelados e intervêm na construção desses conhecimentos, pois vivem a dinâmica deles. A narrativa, como atividade simbólica languageira que, assim como a vida, se pauta numa construção diacrônica de revelação e análise dos fatos, é a fonte material para atingir-se esse objetivo.

Entendemos, portanto, que essa abordagem metodológica coaduna com os princípios epistemológicos da Linguística Aplicada por enveredar análises que problematizam práticas sociais nas quais a linguagem é questão central, a partir de uma postura mais decolonial de coleta e de análise dos dados discursivos. A etnossociologia clínica, nessa perspectiva, ancora-se no potencial desvelador de temáticas transversais atinentes à experiência do sujeito, que é alguém sempre responsivo em relação ao seu dizer cronotopicamente elaborado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisco Rogiellyson da Silva. **Autoconceitos de leitura erigidos a partir de narrativas de vida**. 2019. 196 f. – Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Formas do tempo e de cronotopo no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Huditec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

FREITAS, Maria Leidiane Tavares. **Narrativas de si em cena: a dramaturgia das interações no Twitter**. 2015. 148f. – Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Priscila Sandra Ramos. de. **Práticas de leitura de alunos do curso de letras da UFC reveladas em suas narrativas de vida em seu memorial de formação**. 2019. 116f. – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.

MAIA, Janicleide Vidal. **Ethos docente na narrativa tecnoautobiográfica: corporificação, ressignificação e autorreflexão da imagem de si em *récits de vie* de professores**. 2016. 316f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2016.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **Clínica do Discurso: a arte da escuta**. Fortaleza: Premium, 2005.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. História de vida e genealogia: categoria narrativa específica em busca do tempo perdido... **Linha d'Água**, São Paulo, n. 24, v. 2, p. 313-328, 2011.



MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **Narrativa de vida: uma questão de método.** Curitiba: CRV, 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

SANTOS, Paula Perin dos. **Se o senhor não tá lembrado, dá licença de conta:** uma abordagem discursiva da experiência de desapropriação. 2019. 273f. – Tese (Doutorado em Linguística) – Tese (Doutorado em Linguística)

– Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

VIANA, Isabel Roque. **A organização narrativa nos récits de vie.** 2012. 106f. – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

*Recebido em: 02/09/2024*  
*Aprovado em: 12/12/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.